

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO CAPITALISTA EM LOUIS ALTHUSSER E NICOS POULANTZAS

Considerations on the capitalist state in Louis Althusser and Nicos Poulantzas

Katlin Cristina de Castilho – UFSCar/Sorocaba*
Marlei Rodrigues de Oliveira – UFSCar/Sorocaba**

Resumo: Este artigo parte de inquietações decorrentes da leitura de Martin Carnoy (1988), "Estado e teoria política", mais especificamente, no que se refere ao Estruturalismo e o Estado em Louis Althusser e Nicos Poulantzas. Partindo das análises de Carnoy, buscar-se-á compreender quais os encaminhamentos dos autores para o entendimento do papel do Estado no modo de produção capitalista e nas relações de classe que se desdobram econômica e politicamente. Trata-se, portanto, de um texto reflexivo que discute as construções teóricas sobre o Estado, tanto no contexto estruturalista de Althusser, quanto nos desdobramentos desse estruturalismo althusseriano em Poulantzas, indicando que as análises de ambos autores, bem como as críticas e aprofundamentos que decorrem (e podem decorrer) das mesmas, constituem um fundamental ponto de partida para pensarmos as complexidades que emergem da relação entre o Estado capitalista (seus aparelhos, papéis econômicos, ideológicos e repressivos), e a luta de classes em nossos tempos.

Palavras-chave: Estado capitalista. Louis Althusser. Nicos Poulantzas.

Abstract: This article arises from the concerns resulting from the reading of Martin Carnoy (1988), "State and political theory", more specifically, the ones regarding the Structuralism and the State in Louis Althusser and Nicos Poulantzas. Starting from Carnoy's analysis, we will seek to understand how do the comprehend the role of the state in the capitalist mode of production and in class relations that unfold economically and politically. It is, therefore, a reflective text that discusses the theoretical constructions on the State, both in the structuralist context of Althusser and in the unfolding of this althusserian structuralism in Poulantzas, indicating that the analyzes of both authors, as well as the criticisms and reflections that arise (and may arise) from them are a fundamental starting point for thinking about the complexities that emerge from the relationship between the capitalist state (its apparatus, economic, ideological and repressive roles), and the class struggle in our times.

Keywords: Capitalist state. Louis Althusser. Nicos Poulantzas.

INTRODUÇÃO

O livro "Estado e teoria política", publicado em 1988, escrito pelo professor de educação e economia na Universidade de Standford, Martin Carnoy, trata sobre a "[...] crescente importância da política na configuração da mudança social no mundo de hoje" (CARNOY, 1988, p.9). Tomando como ponto de partida que a questão do Estado ao longo dos anos se complexificou e de tais complexidades emergem novas teorias que buscam dar conta dos novos desdobramentos, nesta obra, Carnoy assume a intenção de rever algumas das mais importantes teorias do Estado, mas, acima de tudo, realiza uma aproximação em relação à perspectiva de classe. Entre as abordagens de Martin Carnoy, o capítulo quatro, dedicado ao estruturalismo e ao Estado em Louis Althusser e de Nicos Poulantzas inquietou-nos sobremaneira.

Tais inquietações emanam das análises que os autores apontam para os seguintes questionamentos: Como age o Estado capitalista? A quem ele serve e quem dele participa? Há espaço para luta de classes em seu interior? Ou trata-se de um Estado é monolítico? Em outras palavras, como pensar o Estado e as disputas políticas e econômicas que se desdobram a partir das complexidades postas pelo próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista?

*Professora da Rede Municipal de Ensino de Sorocaba e aluna especial do Mestrado em Educação da UFSCar-Sorocaba. E-mail: katlin_cristina@yahoo.com.br.

**Professora da Rede Municipal de Ensino de Sorocaba e aluna especial do Mestrado em Educação da UFSCar-Sorocaba. E-mail: marlei.rodrigues21@icloud.com

Longe de buscar responder tais questionamos a partir de um amplo aprofundamento teórico, as intenções que aqui se colocam são as de percorrer, brevemente, os percursos trilhados por Althusser e Poulantzas, fundamentais para a compreensão das novas relações emergentes do modo de produção capitalista e sua aproximação com o Estado e as relações de classe. Trata-se, portanto, de um texto reflexivo que busca localizar em um campo teórico mais amplo os estudos de ambos autores como parte integrante de um ponto de partida para novos olhares sobre o Estado capitalista, sobre as relações de classes e as políticas públicas que se constroem.

Para tanto, este artigo se subdivide em dois tópicos: o primeiro busca melhor compreender o estruturalismo em Louis Althusser, seu entendimento sobre o Estado capitalista, os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e seus aparelhos repressivos. Esse primeiro tópico é fundamental para ampliar nosso entendimento da segunda seção do texto, que trata do percurso teórico do ateniense Nicos Poulantzas sobre o Estado e o modo de produção capitalista, já que, em um primeiro momento, seus escritos sofreram forte influência do estruturalismo althusseriano, para, só mais tarde, incorrer em uma perspectiva mais dialética da relação entre Estado e luta de classes.

Finalmente, temos as considerações finais de nossa reflexão, que indicam para a importância de ambos autores como ponto de partida para pensarmos novos tempos do Estado capitalista, sob viés marxista, mas que, sobretudo, incorporou as complexidades emergentes dos desdobramentos do modo de produção no capitalismo e suas novas relações de classe.

O ESTRUTURALISMO E O ESTADO EM LOUIS ALTHUSSER

Louis Althusser nasceu na cidade de Argel, na Argélia, em 16 de outubro de 1918, e faleceu em 22 de outubro de 1990. Em 1939, passou no concurso de ingresso na Escola Normal Superior (ENS) e no mesmo ano foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, da qual participou até o final. Foi neste período em que ficou preso que obteve contato com ideias marxistas. No ano de 1948 ingressou na ENS, onde foi professor e secretário por mais de trinta anos.

No ano de 1946, Althusser conheceu Hélène Rytman, uma socióloga e revolucionária de origem judaico-lituana, a qual se tornou sua companheira até 16 de novembro de 1960, quando foi estrangulada por Althusser em surto psicótico.

Althusser era marxista e considerado um dos principais nomes do estruturalismo. Uma produção de grande relevância em seus estudos foi análise dos AIE. De acordo com Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 448), Louis Althusser foi um pensador ligado à corrente filosófica do marxismo estruturalista, que define estrutura como um "mecanismo de produção da mais-valia, mediante a relação capital-trabalho". Assim, temos que o estruturalismo de Althusser considera que a forma e a junção do Estado capitalista estão determinadas pelas relações de classe inerente ao modo de produção capitalista, que envolve além do econômico, político e ideológico.

A política na visão estruturalista é principalmente a política de classe dominante para estabelecer e manter sua hegemonia sobre os grupos subordinados. Segundo Althusser a ideologia não tem história, mas ela ramifica para outras ideologias, como a religião, o jurídico, a política, essas sim, condicionadas historicamente. Ela presta um serviço de fundamental importância para a burguesia dentro do sistema capitalista, e é por meio dela que a burguesia consegue manter seu status dominante. Tal ideologia dominante é aprendida, reforçada e perpetuada na escola, mas não se origina dela, a escola torna-se porta voz da classe dominante, como um AIE.

De acordo com Martin Carnoy, Althusser apoia seu ensaio quatro pontos. O primeiro ponto segundo ele, trata de que toda a formação social (como o capitalismo) deve reproduzir as condições de sua produção, ao mesmo tempo em que produz a fim de poder produzir. Que se reproduz no nível de classe e que a classe se reproduz no nível da própria classe.

O segundo ponto se refere ao modo pelo qual se dá a reprodução da divisão de trabalho e das habilidades, que não se limita aos próprios postos de trabalho, às próprias fábricas, mas extrapola esse limite e se desdobra em demais espaços sociais e formativos como a escola. Este tópico, portanto, envolve a educação na divisão de trabalho, já que não é só na fábrica que se reproduz, mas fora dela também.

Terceiro ponto refere-se às relações de produção existentes, que são primeiramente, reproduzidas pelo sistema de punição e recompensa da própria produção pela materialidade dos processos de

produção. A escola, sendo mais importante instituição específica do Estado, é significativamente utilizada para executar dois tipos de reprodução: a força do trabalho e as relações de produção.

No quarto ponto, de acordo com Althusser, o Estado está enraizado na base, e define como uma máquina de reprodução que capacita as classes dominantes a garantir sua dominação sobre a classe operária. O aparelho de Estado o define como uma força de execução e intervenção repressivas no interesse da classe dominante. "Aparelho ideológico" foi uma nomenclatura criada por Louis Althusser para designar as instituições que induzem nos indivíduos uma formação ideológica e esses aparelhos ideológicos sustentam ideologicamente o sistema capitalista.

De acordo com a obra de Althusser (1974), "Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado", o Estado é uma máquina de repressão que permite às classes dominantes assegurar a sua dominação sobre a classe operária. Toda a luta de classes política gira em torno do Estado, da tomada de conservação do poder do Estado, por uma classe ou aliança de classes. O objetivo da luta de classes é política por um lado e o aparelho de Estado de outro lado.

Em 1917, mesmo após a revolução social, uma parte do aparelho de Estado permaneceu intacta após a tomada do poder de Estado pela aliança do proletariado. A teoria marxista do Estado afirma que o Estado é o aparelho repressivo do próprio Estado, o proletariado precisa tomar esse poder a fim de destruir aparelho burguês e substituir para um aparelho de Estado proletariado, iniciando um processo radical, o da destruição do Estado.

Nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer ao mesmo tempo a hegemonia sobre os AIEs. Esses, são a espinha dorsal da teoria de Althusser, bem como a concepção do Estado como entidade incorporada pelos cidadãos. Nas sociedades pré-capitalista o aparelho ideológico dominante era a igreja, no século XVI até XIX o domínio era da igreja, mas foi travada uma disputa entre a burguesia capitalista e a aristocracia feudal. Neste período ocorreu um ataque ao clero, justamente por possuir não só a hegemonia política como também a ideologia da sociedade feudal. Daí então foi confiscado o poder e a criação de novos aparelhos ideológicos de Estado para substituir o aparelho de Estado religioso no seu papel dominante.

Após travar uma luta contra a Igreja, a burguesia capitalista substituiu o poder da igreja para escola, e torna a escola como principal aparelho ideológico de Estado. E é através da educação que a classe dominante mantém o poder da reprodução das relações de produção. Ao falar dos AIEs e de suas práticas, uma ideologia existe sempre num aparelho seja ele religioso, moral, político, etc. Tais fundamentos estruturalistas em Althusser serão fundamentais para compreendermos nosso próximo ponto.

O ESTADO E A LUTA DE CLASSES EM NICOS POULANTZAS

Nicos Poulantzas nasceu na cidade grega de Atenas, em setembro de 1936. Membro do partido comunista da Grécia, cursou faculdade de direito na Universidade de Atenas em 1953, formando-se em 1957. Mesmo não chegando a exercer a profissão de advogado, deu continuidade aos estudos de direito na Alemanha e, em Paris, na década de 60, recebeu forte influência de Louis Althusser e do estruturalismo como forma de compreender o Estado e seu funcionamento na ordem social. Após principiar seus escritos sobre o Estado partir de uma análise estruturalista, incorpora em seus textos um aprofundamento teórico, destacado por Carnoy como estruturalismo dialético. Percebe-se, portanto, que, se em um primeiro momento o Estado foi objetivamente pensado por Nicos Poulantzas sob forte influência althusseriana, esse estruturalismo não perdurou e se alterou ao longo de seus escritos. Nesta trajetória intelectual, o ganho foi para a ciência política e econômica que ainda hoje pode se desdobrar sob uma discussão que busca se aproximar das novas complexidades emergentes do capitalismo, em especial do analisado por Poulantzas no início da década de 70.

Nesse desdobramento, a grande contribuição de Poulantzas está em sua análise do Estado em relação à luta de classes. Mesmo que seus escritos tenham se alterado significativamente ao longo dos anos, sendo possível compreendê-lo em três fases distintas em relação ao seu pensamento, o papel do Estado na formação e na definição do conflito de classes e nos efeitos desses conflitos no próprio Estado estiverem sempre presentes em suas análises.

Um dos pontos que nos instigou à reflexão foi justamente essa relação entre Poulantzas e seus próprios escritos sobre o mesmo objeto: Estado e luta de classes. Carnoy (1988) traça, brevemente, o caminho percorrido pelo escritor ateniense, mostrando como seu olhar se aprofundou ao longo do

tempo. Partindo de uma análise estruturalista, que se deu na década de 60 sob influência de Althusser, formulou uma compreensão mais condizente com as complexidades da ordem social capitalista do século XX. Tal percurso, resgataremos aqui de forma breve, com objetivo único de melhor explicitar as ideias de Carnoy em relação a Poulantzas, tendo em vista que nosso foco é sua análise de modo geral, em especial em sua fase final.

Assim como Louis Althusser, Poulantzas, em seus primeiros escritos, compreendia o Estado de forma diretamente relacionada ao modo específico de produção. Esta concepção estruturalista do estado, tendo como materialidade o modo de produção capitalista, tem no Estado monolítico a base de sustentação da classe burguesa e sua hegemonia. Tal arcabouço político impõe sob a classe operária o poderio político burguês, relegando a luta de classes para outra esfera que não a política, ou seja, dominando politicamente, a classe burguesa não trava uma luta política em relação à classe dominada, mas é na esfera econômica que a luta de classes pode ter espaço para ocorrer.

Em outras palavras, o Estado capitalista é parte das relações de classe, mas a luta de classes não ocorre politicamente, sendo a luta política relativamente autônoma em relação a luta econômica, como forma de mascarar dos agentes de produção as relações de classe na luta econômica. Assim, temos um distanciamento entre a esfera política e a esfera econômica.

Há, nesse quadro, um mascaramento das relações que subjazem a luta política e a luta econômica, relativizando a proximidade entre as esferas, o que implica inferir sobre a forte ideologia como parte da luta de classes, visando a manutenção e a coesão da estrutura (modo de produção), camuflando a dominação política através dos valores, costumes e crenças. A forte influência do estruturalismo althusseriano significou, portanto, na primeira fase de Poulantzas, uma compreensão do Estado como centralizador dos interesses de uma classe específica como meio de dominação política, sem que houvesse espaços para luta econômica no interior da superestrutura e dos aparelhos do estado. A esfera econômica estava como apartada da esfera política. Ou seja, o Estado não é visto como lugar da luta de classes, as classes dominadas têm pouca influência nas questões políticas, sendo o Estado mais como um produto e um modelador dessa luta na sociedade civil, principalmente a partir da desorganização política das classes dominadas.

Neste contexto de produção teórica, alguns questionadores da perspectiva estruturalista de Poulantzas levantaram polêmicas fundamentais para ampliação da sua visão em relação ao Estado. Um deles, de acordo com Carnoy (1988), foi o inglês Miliband. Enquanto Poulantzas via uma relação direta e absoluta entre o Estado e a classe dominante, o segundo, Milliband, compreendia a relação entre o Estado e a classe dominante de forma mais complexa do que a determinação pelas relações objetivas. Tais questionamentos, de acordo com Carnoy (1988) implicou uma reorganização teórica por parte de Poulantzas, culminando em uma análise mais dialética, o que Carnoy destacou como estruturalismo dialético. Nos cabe o seguinte questionamento: Que análises Nicos Poulantzas passou a estabelecer em seus escritos mais recentes?

Em linhas gerais, a visão estruturalista althusseriana do estado dá lugar à luta de classes no Estado e à possibilidade das classes dominadas tomarem os aparelhos do Estado para seus próprios propósitos e interferirem nas funções do Estado. Assim, o Estado, produto e modelador das relações objetivas de classe tem em seu cerne a luta de classes, ou seja, os aparelhos do Estado e a luta de classes já não estão separados. Se em seus primeiros escritos havia um Estado a serviço da classe dominante, a partir da década de 70, Poulantzas destaca um deslocamento da luta de classes do econômico para a arena política. Como destaca Carnoy:

A estrutura e a luta de classes, para Poulantzas, são os definidores cruciais das relações numa sociedade. O poder político, embora apoiado no poder econômico, é prioritário, no sentido em que sua transformação condiciona toda mudança em outras áreas de poder (...) e o poder político se concentra e se materializa no Estado, ponto central do exercício do poder político. (CARNOY, 1988, p.146)

Temos então o Estado como parte e resultado da luta de classes que desempenha um papel econômico ao reproduzir as condições gerais de produção. Em seu trabalho, Carnoy (1988) destaca que, Poulantzas, em seu último livro de 1978, "O Estado, o poder e o Socialismo" (anterior à sua morte em 1979, ocorrida prematuramente aos 43 anos), amplia a caracterização do Estado como produto e modelador das lutas de classe no capitalismo, relacionadas com: 1. divisão de trabalho intelectual e trabalho manual; 2. individualidade; 3. direito e 4. nação. A seguir, exporemos, brevemente, cada um

dos pontos destacados por Martin Carnoy em Poulantzas.

O primeiro deles aprofunda a relação de domínio exercida de uma classe em relação a outra, através da produção, acumulação e acesso ao conhecimento e tecnologia. Nesse tópico, não há dicotomia entre conhecimento e poder, sendo, para ele, o Estado capitalista o principal responsável pela formulação e divisão do conhecimento e seus usos, legitimando a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual. A disputa deste poder pode ocorrer, a partir do processo de contra-hegemonia, instaurado nos aparelhos do próprio estado, fazendo parte, portando, da relação de luta de classes.

A individualização, outro ponto levando por Poulantzas, funciona para impedir a organização política dos trabalhadores como classe, como forma de isolar seus interesses. Tal relação produzida pelo Estado e seus aparelhos potencializam o mascaramento das relações de classe, obscurecendo as diferenças e mantendo a reprodução dos indivíduos no interior de seu espaço social.

Com o aval do direito, das normas e regras estabelecidas e reproduzidas nos aparelhos do estado, esse processo chega a ganhar certa legitimidade e coerência, principalmente aos olhos menos esclarecidos. Sem contar que, sob o mesmo viés do direito, Poulantzas estabelece uma relação intrínseca entre as normativas jurídicas e a repressão. Em outras palavras, é sob a égide do direito que o Estado capitalista legitima a expropriação dos meios de produção do trabalhador. Essa separação entre dominados e dominantes se reunifica a partir da nação. Nesse último conceito, Poulantzas apresenta que o Estado reunifica o indivíduo sob a base da unidade nacional, ou seja, da representação social do povo-nação, onde o ideário de unidade cultural, histórica, geográfica e social ganham materialidade e alimentam a constituição de uma nação.

Agora, trata-se compreender a lógica geral de tais proposições: na medida em que o capitalismo e seu Estado (juntamente com seus aparelhos) separam e individualizam os trabalhadores, o mesmo Estado os reintegra. Assim, Poulantzas mostra o Estado capitalista como produto e modelador da luta de classes, fornecendo o quadro e um conjunto de esquemas para que tal processo tenha espaço e tempo, materialidade e história. Mas, ainda temos o seguinte questionamento: o que, então, vem a ser o Estado para Nicos Poulantzas? Nas palavras de Carnoy (1988) fica claro que trata-se de uma arena da luta de classes. Esse Estado condensa materialmente essa luta e os conflitos que permeiam a relação de classes. Não se trata de uma entidade, mas um quadro material do qual são participes dominantes e dominados em uma disputa resultando em conflitos entre classes e frações de classes.

Sobre esse aspecto, Carnoy destaca ainda que essas diversas classes e blocos de poder tem sua parte na dominação política somente no interior do próprio Estado e de seus aparelhos. Isso significa dizer: em todas as suas funções, econômica, ideológica e repressiva, o Estado "está marcado pelas contradições, porque a luta de classes tem lugar no âmago do Estado, mesmo quando se tenta manter uma hegemonia externa da classe dominante." (CARNOY, 1988. p.161). Há uma lógica nessa formulação: a materialização da arena de luta de classes, em que, em suma, o capitalismo e a produção separam e individualizam os trabalhadores, os quais são reintegrados pelo Estado em um todo único denominado povo-nação, sob o conjunto de instituições que os homogeneiza e normaliza.

Tal formulação nos coloca diante do Estado compreendido por Poulantzas: trata-se, não de uma entidade, mas da materialização das relações de classe no núcleo do Estado. Portanto, as contradições de classes resultam na composição da política do Estado. Temos, então, na trajetória teórica de Nicos Poulantzas, o abandono em relação a natureza unilateral, monopolista e determinista do Estado, presente em seus primeiros escritos, sob o aporte estruturalista, principalmente ao entender que, na medida em que o capitalismo se desenvolveu, o Estado capitalista mudou e, na mesma medida, provocou o deslocamento da luta de classes da produção para o Estado, trazendo para seu núcleo a própria luta de classes, até então condensada na esfera econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carnoy argumenta que apesar de limitações das análises abstratas de Poulantzas e do estruturalismo althusseriano, os autores dão um importante ponto de referência teórico para os estudos sobre o Estado e as relações de classe. Partimos de uma visão estruturalista fundamental para compreensão da luta de classes no contexto estrutural do Estado capitalista, tendo na compreensão de Louis Althusser uma importante porta de entrada à crítica ao sistema, sua estrutura, superestrutura e aparelhos ideológicos e repressivos. Um aprofundamento deste constructo teórico foi posto por Nicos Poulantzas, que viu na complexificação do capitalismo a própria materialização dessas

complexidades no interior do Estado. As novas relações entre Estado e luta de classes são então movidas e explicadas por quatro pontos, não estanques, ou seja, quatro pontos que articulados produzem efeitos nas relações de classes e movimentam a esfera política, travando efeitos econômicos nas próprias relações entre dominantes e dominados. Retomemos os quatro tópicos à guisa de conclusão: 1. divisão de trabalho intelectual e trabalho manual, carregando com ela a distribuição não homogênea do conhecimento e, portanto, do poder exercido, social e economicamente, a partir de seu domínio; 2. individualidade, ou seja, a individualização que mantém os indivíduos isolados e menos organizados; 3. direito que, além de exercer poder repressivo, legaliza as e traça normativas das regras sociais e, por fim, 4. nação, reunificando, sob o aval do Estado e de um ideal de povo-nação, as contradições de classe em um todo homogêneo, com objetivos unificados.

Esses pontos são fundamentais, já que subjazem a concepção de Estado em Poulantzas: muito mais que uma simples entidade, é onde encontram-se condensadas a materialidade da luta de classes, não só presente na esfera econômica, mas real e parte fundante da esfera política.

Esse percurso intelectual de Althusser e Poulantzas, sob análises, críticas e aprofundamentos de diversos autores da área das ciências políticas, econômicas e sociais, nos enriquecem teoricamente e colocam, sob a égide da crítica, o papel do Estado capitalista e possíveis pontos de partida para nossa análise dos novos desdobramentos e as funções do Estado. Muitos trabalhos podem, ao lançar mão desses caminhos trilhados intelectualmente pelos autores, olhar atentamente para as complexidades que, sem dúvida, são produzidas e materializadas no processo histórico de encaminhamentos da política, da economia e das relações de classe como um todo. Sem dúvida, é inegável que temos aí um fundamental ponto de partida.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Editora Presença/ Martins Fontes, 1974.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Edição 11. Editora UnB, 1998.

CARNOY, M. *Estado e teoria política*. Campinas : Papyrus,1988.

MELO, E.P.C.B.N.; MARQUES, S.C.M. Sujeito, autonomia e educação em Louis Althusser. In.: LIMA,P.G.; PEREIRA,M.C. *Fundamentos da educação: recortes e discussões*.Vol.5.Jundiaí/SP : Paco Editorial, 2015.

Recebido em: 08.01.2017

Aprovado em 10.04.2017